



DOSSIÊ

1 *Imprensa infantojuvenil: leituras que viajam entre memória, ciência e cultura*

(Children's press: readings that travel between memory, science and culture)

Andréa Borges Leão¹

1. Pesquisadora do CNPq, Bacharel e Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Realizei estágio pós-doutoral em história cultural no CRBC da École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris, e no Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines, da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines. Cumpri estágio de pesquisa no GEMASS, Paris IV/Sorbonne. Sou professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Fui coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFC (2019/2021). Fiz parte da Equipe Editorial da Revista Brasileira de Ciências Sociais/ANPOCS (2021/2023). Lídero o G.E.C.C.A/NE (Grupo de Es-

tudos em Cultura, Comunicação e Arte). Atuo nos seguintes Grupos de Pesquisa: 1. Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD)/UnB; 2. Projeto MinasMundo: <https://projetominsamundo.com.br/pessoas/>; 3. A sociologia Figuracional de Norbert Elias/UNIFESP; Participei do Projeto de Cooperação Internacional La Circulation Transatlantique des Imprimés – Mondialisation de la Culture, 1789/1914 (IEL/UNICAMP/FAPESP/CNPq). As áreas em que atuo são: Sociologia da Cultura e do Conhecimento, Sociologia e Literatura, Sociologia e Ciência, Divulgação das Ciências Sociais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5260520898502257>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8404-6767>



Resumo – Apresentado originalmente no XXXVI Seminário de Pesquisa do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento que aconteceu no final de novembro de 2022, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, este ensaio tem o objetivo de analisar a proposta editorial do jornal Joca, que se revela um rico material para pensar as relações entre a produção simbólica voltada para jovens e os processos de transmissão de conhecimentos sobre a sociedade. No primeiro momento, apresento uma sociogênese da imprensa infantil brasileira em perspectiva comparada com as balanças de identificação Nós-Eu de outras produções nacionais. No momento seguinte, trago para o debate as construções de autoimagens de inovação/novidade em contraposição a autoimagens da tradição, que orientam a proposta editorial do jornal Joca

Palavras-chave: sociologia do conhecimento; jornalismo infantojuvenil; balanças de identificação; autoimagens; processos de transmissão

Abstract – Originally presented at the XXXVI Seminário de Pesquisa do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento (XXXVI Research Seminar of the Group Culture, Memory and Development) – which took place at the end of November 2022, at Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, in Vitória da Conquista, Brazil –, this article aims to analyze the editorial proposal of the newspaper Joca, which proves to be rich material for thinking about the relationships between symbolic production aimed at Young people and the processes of transmitting knowledge about society. Firstly, I present a sociogenesis of the Brazilian children’s press in a comparative perspective to Other national productions’ “We-I” scales of identification. Then, I bring to the debate the constructions of self-images of innovation/newness in opposition to self-images of tradition, which guide the editorial proposal of the newspaper Joca.

Keywords: sociology of knowledge; children’s journalism; scales of identification; self-images; transmission processes.



Dinâmicas da circulação da cultura

Na ocasião do XXXVI Seminário de Pesquisa do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento, que aconteceu no final de novembro de 2022, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, abordei o fenômeno da circulação da cultura na imprensa infantojuvenil brasileira como memória de pesquisa. Retomando a apresentação oral, agora na forma de artigo, proponho uma análise detalhada desse movimento na proposta editorial do jornal *Joca*, que se revela um rico material para pensar as relações entre a produção simbólica voltada para jovens e os processos de transmissão de conhecimentos sobre a sociedade. Gostaria de examinar algumas questões que, no seminário de Vitória da Conquista, foram enfatizadas por meio da memória do meu percurso de pesquisa. Cada vez mais me convenço de que os problemas específicos de pesquisa têm uma história social. Muito do que se descreve como perspectiva inédita resulta de caminhos abertos e trilhados por outros(as) pesquisadores(as). Neste artigo, tento aplicar os princípios analíticos da sociologia do conhecimento de Norbert Elias (2016) sob o ângulo da sociologia da cultura.

A lógica da viagem na leitura entre memória, ciência e cultura implica uma construção intertextual do sentido, na qual cada texto remete a outro que o acompanha em suportes tipográficos distanciados no tempo e no espaço (Chartier, 2022). O debate sobre a história da imprensa periódica para crianças e jovens no Brasil é uma boa oportunidade para usar as conceituações sobre a memória a fim de responder ao que previamente foi colocado pelo material empírico. Afinal, os livros e impressos guardam uma historicidade e não são, para todo o sempre, idênticos a si mesmos. Recorrendo ao historiador Roger Chartier (2014), a categoria texto não é uma unidade discursiva acabada, mas se aplica a práticas, usos e apropriações variadas em função do tempo e do espaço.

Do ponto de vista metodológico, a análise enfrenta o contraste entre a temporalidade imposta pela leitura periódica e o fundo de conhecimentos acumulados pelo dispositivo da memória, ou melhor, entre a notícia e o patrimônio de conhecimentos acumulados que, por exemplo, é transmitido nas escolas que adotam as revistas e os jornais infantojuvenis.

No primeiro momento, apresento uma sociogênese da imprensa infantil brasileira em perspectiva comparada com as balanças de identificação Nós-



2. Consular n. 17 de julho de 1935, matéria intitulada “Grande Concurso Brasil d’O Tico-Tico”. Disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader>.

-Eu de outras produções nacionais. No momento seguinte, trago para o debate as construções de autoimagens de inovação/novidade em contraposição a autoimagens da tradição, que orientam a proposta editorial do jornal *Joca*. Desde já, antecipo que as variações entre inovação e tradição estruturam o espaço de produção simbólica no qual se inscreve o jornal. Quando lançamos mão de categorias e conceitos como popular, erudito, local, universal, central, periférico, não convém perder de vista que seus sentidos são construídos em dinâmicas sócio-históricas, o que nos leva aos movimentos de circulação das significações.

Joca é um veículo desafiador para o estudo dos impressos contemporâneos na perspectiva da história da circulação das ideias. Só assim, conhecemos os objetos e as práticas silenciadas e ausentes em contraste com as que estão em superexposições nos repertórios canônicos. Os jornais e as revistas infantis publicados nos séculos XX e XXI são manifestações diferentes e articuladas de um mesmo processo de mudança social que vem orientando as modificações nas representações simbólicas da infância e da vida adulta.

Sociogênese da imprensa infantojuvenil

A sociogênese da imprensa infantojuvenil permite acompanhar o entrelaçamento entre as mudanças ocorridas na sociedade brasileira e as transformações no modo de educar as crianças. Desde o início do século XX, aparecem no mercado de livros e impressos códigos específicos para a leitura familiar e escolar. Os dois espaços de transmissão de conhecimento e de aprendizagem da lógica da distinção social separam o público da vida privada, ao mesmo tempo em que se afirmam complementares na construção de uma cultura do impresso. No Brasil, a revista ilustrada *O Tico-Tico* é uma conquista editorial importante. Ela foi criada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Sousa e Silva e circulou de 1905 a 1957, formando o público leitor por meio de jogos, passatempos, lições de comportamento, ciência e literatura. A partir dos anos 1930, foi adotada como material didático de ciências, geografia e história nas escolas públicas e privadas². A grande aceitação da revista devia-se a uma distribuição relativamente ampliada de assinaturas em vários estados do país e à formação de círculos de identificação igualmente estendidos. Sua função de comunicação social incluía leitores abrindo passagem à moderna cultura de massa e à consolidação do atual modelo midiático.



No início, *O Tico-Tico* correspondeu aos modos de pensar e educar de famílias ilustradas da Primeira República (1889-1930). A revista difundia a cultura dos grupos sociais superiores, bem como expressava a transição entre a economia psíquica da aristocracia rural, em falência, para a das classes médias urbanas, emergentes com a industrialização. O sentido das mudanças na estrutura de pensamento e de sentimento desses grupos sociais – e, até mesmo, da família patriarcal que se modernizava –, orientou toda a sociedade e apontou para o desenvolvimento de relações menos desiguais entre crianças e adultos – mais especificamente, entre pais e filhos (Elias, 2010).

Essa tendência civilizatória leva-nos às formulações de Elias sobre o conceito de autonomia relativa dos indivíduos. Se, na sociedade contemporânea, a partir da industrialização e da urbanização de meados do século XIX, as crianças formam grupos sociais de interdependências aos quais reconhecemos direitos e deveres, foi necessária a experiência de um longo percurso relacional entre pais e filhos. No curso do desenvolvimento social, os pratos da balança de poder penderam mais para a autoridade absoluta dos adultos sobre as crianças. Não foram raros os fenômenos de abandono e infanticídio no mun-

do antigo. Na Europa medieval e até na modernidade, os usos da violência física na educação infantil eram recorrentes e ilustravam os critérios da civilização. O confronto dos pais com o que descreviam como animalidade, as necessidades pulsionais e as formas espontâneas de sexualidade dos filhos não foi um aprendizado sem custos emocionais. Nesse sentido, as descobertas científicas de Sigmund Freud, diz Elias, conseguiram esclarecer os aspectos da sexualidade humana desde o nascimento e, ao mesmo tempo, explicar as contenções sociais e autocontenções que ergueram barreiras mútuas nas relações entre pais e filhos. Os pais viam-se confrontados, na educação dos filhos, à descoberta da “animalidade” de suas próprias pulsões. Seria preciso dissimular o mal-estar do desequilíbrio entre natureza e cultura como diferenciais de poder em um conjunto de regras e interditos específicos e eficazes, mesmo em situações de interdependências entre o par adulto-criança. Pensar os entrelaçamentos entre as estruturas sociais e psíquicas a partir do conceito de figuração de interdependência, para Elias, é ultrapassar o falso dilema da oposição entre indivíduo e sociedade (Leão e Landini, 2022).

O que muda na ordem processual é a função emocional que os filhos cumprem para os pais, ad-



verte Elias (2010, p. 85-87). O processo de civilização das crianças é um percurso de desenvolvimento da autorregulação do indivíduo e, portanto, da conquista de sua autonomia relativa enquanto indivíduo em formação: “em todas as relações de dominação encontramos uma reciprocidade nas chances de poder” (Elias, 2010, p. 88). A mudança na sensibilidade dos adultos com relação à infância também se expressou nos livros, jornais e revistas destinados às crianças e, principalmente, no crescente protagonismo dos jovens leitores e leitoras. No início do século XX, o mundo do consumo marcava presença nas revistas ilustradas destinadas às mulheres letradas, ao mesmo tempo em que se destacava um segmento destinado às crianças. Os grupos de leitores interdependentes que dialogavam com o editor da revista *O Tico-Tico* – os chamados correspondentes –, eram formados por crianças que enviavam opiniões sobre as matérias publicadas e fotografias. A aparição desses grupos sinalizava a diminuição do distanciamento entre as gerações e, ao mesmo tempo, entre os grupos na hierarquia social como uma exigência do mercado. O protagonismo das crianças vai se impondo como código de comportamento. Havia, também, a interação entre crianças e adultos por meio da participação nos concursos de prêmios. Instrumentos de

punição, como a palmatória e os castigos físicos usados no século XIX, foram substituídos por conselhos e advertências, em geral dados por pais e professores e, até mesmo, transmitidos de uma criança a outra. A autonomia na leitura e o crescente protagonismo no comportamento do leitor anunciavam novas figurações do Brasil moderno.

***Joca*, um símbolo da relação entre natureza e cultura**

No Brasil, o jornalismo infantojuvenil tem íntima ligação com o desenvolvimento do mercado editorial, pois este é correlato ao desenvolvimento da imprensa, de um modo mais amplo. O livro de ficção sempre foi inseparável do jornal e da revista, conjugando uma síntese temática entre literatura, conhecimento e informação. No passado, o jornal era etapa intermediária necessária para a leitura de um livro. Hoje, as relações entre o jornal, o livro e as plataformas digitais merecem ser estudadas. A maior interface entre impressos e tecnologias digitais evidencia mudanças nas relações das crianças e jovens com a cultura, a ciência e tecnologia.



3.Ver:https://www.jornal-do-comercio.com/_conteudo/opiniao/2019/07/695288-jornalismo-infantojuvenil-e-a-formacao-de-cidadaos-criticos.html?fbclid=IwAR2MlnTAuT7997eJdTYNPa7u13pYbb-CHFVmuomUPv-boN-9hMx9KTtZhoMI

A autojustificativa, cada uma a seu tempo e modo, das revistas *O Tico-Tico*, no início do século XX, e do *Joca*, no início do século XXI, como veículos inovadores ou experiências de vanguarda cuja principal função seria o preenchimento de uma lacuna, reflete, no espelho social, o que Norbert Elias chama “situação de curto prazo” (2016, p. 217). O apego às circunstâncias do presente justifica as autoimagens de novidades. Em última instância, revela a ênfase dada por editores e jornalistas ao ponto de vista centrado no sujeito, o que comprometeria, se incorporada à análise sociológica, os ajustes entre qualquer aporte conceitual e “as conexões de dados observados” (Elias, 2016, p. 218). O esforço de distanciamento exigido na sociologia dos processos de longo prazo evita reduzir as formas de transmissão simbólicas ao binômio tradicionalismo e novidade. Jornais e revistas só fazem sentido, para os leitores, como suportes que pavimentam os caminhos de independência das crianças em relação ao mundo dos adultos.

O mesmo perfil enciclopédico e o mesmo discurso de preenchimento de uma lacuna observados em *O Tico-Tico* fundamentam a proposta editorial do *Joca*. Este jornal infantil autorrepresenta-se como uma novidade no setor da informação, do entrete-

nimento e da cultura. Seu objetivo é formar o leitor para atuar na esfera de opinião pública, convidando-o a enfrentar os debates atuais. Ele foi criado pela administradora de empresa franco-alemã Stéphanie Habrich, profissional com ampla experiência no mercado financeiro da Suíça, Nova Iorque e do Brasil, em bancos como Vontobel, Deutsche-Bank e BNP Paribas. A linha editorial do *Joca* é resumida nas seguintes palavras: “Publicado pela editora Magia de Ler, o *Joca* produz conteúdo jornalístico para jovens e crianças. Atua também em apoio ao trabalho de educação midiática dos leitores e nas escolas em que se encontra. Inspirado em publicações do gênero na Europa, o *Joca* usa linguagem contextualizada e adequada para o público infantojuvenil e aborda atualidades gerais, além de temas inovadores, que instigam a curiosidade” (Habrich, 2020, p. 18).

Joca não é um veículo especializado na prática da divulgação científica, mas “veículo de jornalismo infantojuvenil que visa a formar cidadãos críticos”, nas palavras de sua atual Editora-chefe, Maria Carolina Cristianini³. Uma novidade constatada no estudo do periódico, é que a equipe editorial orienta os leitores a produzir seus próprios jornais escolares. Essa é uma diferença com relação ao antecessor *O Tico-Tico*.



4. Observatório da Imprensa, 13 de novembro de 2020. A matéria “Uma experiência de jornalismo infantojuvenil no Brasil”, pode ser consultada em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/educacaomidiatica/uma-experiencia-de-jornalismo-infantojuvenil-no-brasil/>

Joca tem uma vinculação com o livro e com revistas. Ele nasceu na editora Magia de Ler, fundada em 2007, quando Habrich chegou de Nova Iorque ao Brasil. No mesmo ano, a editora iniciou a edição das revistas ilustradas para crianças *Toca e Peteca*. As publicações foram possíveis com a ajuda de Eva Furnari reconhecida escritora brasileira de literatura infantil, que indicou outros escritores e ilustradores para o trabalho nas revistas. No livro *Uma jornada com propósito* (2020, p. 81), a editora descreve Toca e Peteca: “ambas tiveram inspiração nas publicações europeias, especialmente nas francesas que tanto me fascinavam quando eu era pequena. Sem nenhuma publicidade, traziam histórias e personagens inéditos, curiosidades sobre os mais diferentes animais, descobertas nas áreas de geografia e história, experiências científicas, jogos e muito mais”. As duas revistas tiveram curta duração: foram publicadas por pouco mais de um ano e meio.

Interessante notar que, antes de iniciar o empreendimento com jornalismo infantojuvenil no Brasil, Habrich tentou uma negociação com a editora francesa Bayard Presse, uma das gigantes no setor da imprensa educativa, a fim de “convencê-la a publicar suas revistas no Brasil” (Habrich, 2020, p. 51). A proposta de tropicalizar os modelos europeus não

agradou à casa editora francesa. O grupo Bayard, de origem centenária e católica (Hache-Bissette, 2013), editava as revistas *Pomme d’Api*, *Okapi* e *Phosphore*, que Habrich lia por assinaturas durante a infância. Por essas e outras iniciativas de herança familiar e formação de um habitus intranacional, Habrich define-se como empreendedora na área da educação. A disposição para o trabalho com educação e o investimento no mercado editorial brasileiro deveram-se muito à sua atuação no mercado financeiro. Habrich sintetiza a figura social da intelectual mediadora que atua no jornalismo mesmo sem ter sido formada nesse espaço profissional. Como imigrante empreendedora da cultura no Brasil, ela não é exceção mas regra na história cultural brasileira.

Em 04 de julho de 2019, o veículo de comunicação online *Observatório da Imprensa*⁴ publicou uma entrevista com Habrich sobre sua experiência de pioneira no moderno jornalismo infantojuvenil brasileiro. Sua fonte de inspiração e trabalho para a criação do jornal veio do capital familiar herdado e da leitura de periódicos franceses recebidos pelo correio durante a infância no Brasil. A editora-executiva, porém, não descarta a importância do suporte impresso, que supõe a leitura seriada, fidelizando os leitores pelas imagens e pelo conteúdo das matérias.



5. Consultar: <https://www.jornaljoca.com.br/e-ai-pre-feitura-veja-como-participar-da-iniciativa-do-joca/>

6. A matéria pode ser consultada em <https://claudia.abril.com.br/blog/stephanie-habrich/como-e-omercado-de-publicacoes-infantojuvenis-ao-redor-do-mundo/>

Os textos enviados pelas crianças, uma “prática dialógica” – o *Joca* como mediador entre os leitores e os problemas enfrentados por grupos sociais –, igualmente imprimem uma marca de distinção da linha editorial deste jornal.

O *Joca* circula por assinaturas de escolas e famílias, tanto no formato tabloide impresso como no digital, ambos organizados em vários gêneros textuais: notícia, resenha, entrevista, relato, artigo e curiosidade. A presença nas mídias sociais é outra importante estratégia de comunicação pública. Às diretrizes de instruir e distrair, que orientam a produção impressa infantojuvenil popular e massiva desde o século XIX, vem somar-se, no modelo *Joca*, a formação para o exercício crítico da cidadania.

A educação midiática, entre outros objetivos, aproxima a criança da notícia e, em consequência, do debate público, orientando, observa a socióloga Sylvie Octobre (2015), um modo de ler o mundo social. Ela orienta uma prática de leitura que resulta em formas de participação mais autônomas e redefine as mediações feitas pelos adultos. Quando oferece à criança um espaço de fala pública, o jornal começa a formar comunidades interdependentes de leitura (Calderone, 2018, p. 88). A campanha de 2020 “*E aí, Prefeitura? Os jovens e o Joca por uma São Pau-*

lo melhor nas eleições 2020”⁵ é ilustrativa, assim como a participação na cobertura do rompimento da barragem da Vale do Rio Doce na cidade mineira de Brumadinho, em 2019, que causou uma enorme comoção pública pela morte de centenas de pessoas. A comunidade leitora foi convidada a enviar cartas (com selo, caso o receptor quisesse responder) para as escolas daquela cidade como uma iniciativa do projeto de promoção de empatia e estímulo ao debate. Nas palavras de Stéphanie Habrich⁶, as cartas mostraram “uma empatia enorme entre as crianças – uma menina de 8 anos chegou a nos mandar sementes de maracujá, junto a uma cartinha, para que alunos de Brumadinho pudessem replantar e recomeçar. Solidariedade. Interesse por como vivem outras crianças, também brasileiras, passando por momentos difíceis”. Para tanto, o jornal reserva a seção “Em pauta” para a publicação das “ações”. Este espaço de construção do protagonismo infantojuvenil previsto pelos editores com entrevistas e depoimentos de jovens e crianças socialmente em destaque, personagens de 7 a 14 anos, aciona e prescreve imagens do Eu e do Nós, modelos de autorrepresentação e inspiração para agir.

Na divisão interna do jornal, as cartas enviadas pelos leitores confirmam a hipótese do modelo hí-



7. Consultar: <https://claudia.abril.com.br/coluna/stephanie-habrich/como-e-o-mercado-de-publicacoes-infantojuvenis-ao-redor-do-mundo/>

brido de sociedade veiculado no periódico. Em primeiro lugar, o leitor previsto é situado em relação à interiorização das regras de comportamento e mecanismos de controle pulsional. Sentimentos como empatia, solidariedade e interesse são aquisições civilizatórias, de autorregulação, frutos da correspondência entre a estrutura social e a estrutura psíquica, no caso de indivíduos em formação. O ideal de pacificação na sociedade, assinalado por Norbert Elias (2011), justifica, assim, o humanismo do periódico. Em vista disso e em segundo lugar, o conceito de interdependência entre os jovens, os grupos formados nas escolas e nas comunidades ampliadas, deixa evidente que cada ação influencia todas as outras.

O jornal *Joca* cumpre a função civilizatória de suporte e figuração de conexões entre as matrizes do conhecimento natural, individual e sociocultural. É significativo que tenha como mascote um mico-leão-dourado. Este animal, encontrado na Mata Atlântica brasileira, imprime uma marca nacional identitária de alcance também mundial, ao se converter em símbolo de proteção da floresta e de animais em riscos de extinção. Com a palavra, novamente, Stéphanie Habrich: “E não é só lá fora que os jovens estão se interessando por publicações de atualidades. Hoje, no *Joca*, temos cerca de 30.000 assinantes de todas as

partes do Brasil. Além disso, uma pesquisa feita pela *Planète d’Entrepreneurs* com a HEC de Paris comparou crianças que são leitoras do *Joca* com crianças que não são leitoras. O resultado foi que, entre os leitores, 26% afirmaram que se interessam por matérias de ciências, tecnologia e finanças, ao passo que, entre os não-leitores, apenas 2% demonstraram interesse por esses assuntos. Ao mesmo tempo, quando perguntados sobre notícias recentes a que haviam tido acesso, apenas 13% dos leitores do *Joca* citaram conteúdos relacionados a celebridades e entretenimento de massa. Entre os não-leitores, chegou a 30% o percentual dos que mencionaram matérias sobre esses temas”⁷.

Os fundos de conhecimento cumprem funções sociais interdependentes e servem de meios de orientação. Os domínios de problemáticas também se entrelaçam. Os impressos analisados refletem processos sociais de aquisição, transição e recepção de fundos de saberes a um só tempo conservados e modificados nas passagens entre as gerações, o que gostaria de propor como uma apropriação da memória.



8. O conceito de valência é tomado como pontos de ligação afetiva entre os seres humanos.

Conclusão

Apesar de afastados no tempo e nas condições sociais de produção, os periódicos *O Tico-Tico* e *Joca* estão inscritos em longas cadeias de interdependências formadas pelos trabalhos de escritores, jornalistas, cientistas e educadores, com as mediações de pais e mães. No jornalismo para crianças, é possível identificar, de modo específico, os direcionamentos do processo de modernização da cultura brasileira, como a informalização dos comportamentos de leitores (Wouters, 2007). A informalização diz respeito a uma experiência comportamental e emocional de relaxamento dos controles e, portanto, de uma maior aproximação entre adultos e crianças nos processos educacionais. Outro direcionamento aponta para um padrão geracional de identidade-Nós desenvolvido com a internacionalização do mercado de impressos, no qual os leitores de variadas origens nacionais podem conectar-se uns aos outros. Norbert Elias (2011) demonstra o quanto o desenvolvimento dos conceitos é também um desenvolvimento social. Conhecendo as ações dos grupos de crianças leitoras do *Joca* torna-se evidente que quanto maior é a densidade das interdependências recíprocas entre elas, maior é a consciência de suas autonomias relativas

(Elias, 2010). O protagonismo dos leitores, há várias décadas, já faz parte do código de comportamento das crianças.

Ao publicar temas da agenda pública brasileira e mundial, o horizonte de atuação do *Joca* vai além do jornalismo informativo: atua na transmissão de formas de controle que correspondem às valências de disposições afetivas abertas em cada leitor ou grupo de leitores⁸ (Elias, 2010, p. 64). Pensar a evolução da cultura impressa a partir da teoria da civilização permite problematizar o enquadramento das publicações como inovadoras ou tradicionais. A emergência do protagonismo dos leitores, como sinal de inovação, só faz sentido considerando os modos como as crianças vivem nas figurações que formam com os adultos e umas com as outras. Partimos da hipótese de que as comunidades de leitores formadas pelo *Joca* descrevem movimentos de sentido contrário à tendência atual de desenvolvimento de uma identidade “Eu” sobreposta a uma identidade “Nós”. Essas comunidades são formadas na perspectiva das relações de mútua aprendizagem.

Os conceitos de natureza e de cultura são símbolos, unidades de síntese de realidades complexas que implicam um acúmulo de conhecimentos e de relações dos indivíduos com eles mesmos e uns



com os outros. Os impressos destinados à educação de crianças e jovens mostram-nos de que modo os termos de natureza e de cultura podem ser usados de maneiras diferentes. Atribuímos valores a esses níveis. Em primeiro lugar, aponta Elias (2016, p. 291), há uma dimensão não humana e humana na natureza. Por exemplo, natureza pode ser usada com sinônimo de bem-estar e de saúde, mas também fora das idealizações de um perigo do qual os seres humanos precisam coletivamente se defender, caso dos desastres naturais, da vida em estado bruto entre os animais selvagens e do convívio social com organismos de outras espécies. A natureza pode ser tanto símbolo de vida como de morte. Como símbolo de vida, os seres humanos procuram nela remédios e curas para os seus males e sofrimentos. Como símbolo de morte, duvidamos da eficácia de nossos patamares de defesa acionados pelas regulações externas e instâncias psíquicas de autocontrole e criamos meios imaginários de defesa. Ilustrativo deste quadro referencial teórico é o modo como lidamos com a realidade imposta pela epidemia de Covid-19, poder não humano que nos ameaça. Na impossibilidade de fazer frente ao mais recente vírus inimigo, convivemos com quadros mentais de ameaça e destruição massivas e, portanto, atribuímos ao agente

extra-humano que nos assombra valores e poderes específicos – para certos grupos religiosos, valores espirituais. O conceito de natureza, nas matérias sobre a vida na epidemia veiculadas no Joca, guarda o mesmo nível de síntese observado por Elias (2016) e, em última instância, coloca para o público leitor o funcionamento dos modos de controle social, dos adultos sobre as crianças, das crianças umas sobre as outras, e individualmente, da criança sobre ela mesma.



Referências

CALDERONE, Amélie. Les voix lointaines du jeune lecteur dans la presse de jeunesse du XIXe siècle : entre lectorat effectif à créer et sujet idéal à former. In : **Les voix du lecteur dans la presse française au XIXe siècle**. Absalyamova, Elina et Stiénon, Valérie. Limoges : Pulim, 2018.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHARTIER. Roger. **Editar e traduzir. Mobilidade e materialidade dos textos (séculos XVI e XVIII)**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

ELIAS, Norbert. **La Dynamique sociale de la conscience. Sociologie de la connaissance et des sciences**. Paris: Éditions la Découverte, 2016.

ELIAS, Norbert. **Au-delà de Freud. Sociologie, psychologie, psychanalyse**. Paris: Éditions la Découverte, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Vol. I. Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

HABRICH, Stéphanie. **Uma jornada com propósito. Como minha paixão pelo jornalismo infantojuvenil impacta o presente (e o futuro) da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Magia de ler, 2020.

HACHE-BISSETTE, Françoise. Bayard et Milan : Deux marques concurrents de presse éducative au sein d'un



ANDRÉA BORGES LEÃO

même groupe. **Nouveau Monde éditions** | « **Le Temps des médias** » 2013/2 n° 21 | pages 53 à 67

LEÃO, Andréa Borges e LANDINI, Tatiana S. **10 lições sobre Norbert Elias**. Petrópolis : Editora Vozes, 2022.

OCTOBRE, Sylvie. **Comment lire à l'ère des smartphones ? La lecture et les jeunes. Française Legendre éd.** Bibliothèques, enfance et jeunesse. Édition du Cercle de la Librairie, 2015, pp 24-30.

WOUTERS, Cas. **Informalization. Manners and Emotions since 1890**. Sage Publications, 2007.

